

Os domingos dos Sabiás

São nove horas da manhã de um domingo de novembro. O bairro São Domingos, na borda norte da cidade, amanheceu alegre e demorado, como o confortável espreguiçar de uma trabalhadora em descanso.

Os domingos não são mais aqueles quando os poucos que saíam cedo trabalhar estavam de volta no almoço, ou no acender da churrasqueira, e já é comum famílias amanhecerem com pais e mães na labuta, churrasqueiras não acenderem e trabalhadoras não espreguiçarem confortáveis pois não tem descanso. Mas o cheiro é o mesmo. Cheiro de domingo.

Cinco anos atrás, uma parcela da área rural do São Domingos foi incorporada à cidade, se tornando parte da área urbana. A parcela pertencia à empresa Cosin, que criou outra empresa, a Aguanova, para transformá-la nas formas mais lucrativas possíveis. A Aguanova chamou essa área de Recanto dos Sabiás, um grande empreendimento imobiliário para as elites da cidade viverem.

O Recanto saiu do papel e foi um sucesso. Mais de 400 famílias vivem nele. Elas têm escola, padaria, academia, shopping e precisam sair para o resto do bairro e da cidade para quase nada. Mas o Recanto ainda faz parte do São Domingos.

Nosso domingo amanhece com a fofoca de que um parque público seria inaugurado no Recanto se espalhando no resto do bairro. Fofoca, pois apenas os moradores do Recanto foram convidados. Mas lá vão curiosos do bairro todo entrando pelas ruas lisas e largas que demarcam o início do empreendimento, convidados apenas pela palavra “público”.

Paula saiu do carro abafado para sentir o vento quente e seco no rosto. Abaixou os óculos escuros que descansavam na testa e olhou o céu. Azul. O céu, azul, perguntaria às nuvens que chegavam de onde vinham, se de longe perguntaria qual a verdade nas conversas lá de baixo que ele, céu, tem fim, como tem fim o mar seu irmão. Mas o céu não fala com palavras e nem as nuvens. Paula as vê chegando como pegadas de uma festa, e duvida que se importem com as conversas aqui de baixo.

Em outros tempos, procuraria na multidão que formava e esperava seu fotógrafo. Suspirou. Pegou o celular da bolsa e tirou algumas fotos, em diferentes focos, sem saber qual ficaria melhor. Guardou na bolsa e atravessou a rua.

Lucas pedalava sem as mãos, aproveitando o asfalto liso que calava a terra oprimida. Ao seu lado, os amigos também desciam sem as mãos. Bora na mangueira antes, propôs um quando saíam. A mangueira ficava no caminho do rio e com felicidade Lucas lembrou que já estava em época. Então lembrou quando era tudo cana de açúcar e estrada de terra. O calor também parecia outro. Jovem, as lembranças ficavam longe, quatro anos longe.

A mangueira oferecia corações que não palpitavam, verdes e vermelhos e laranjas. Aos olhos de Lucas, era grande e velha. Estava ali desde que se conhecia como gente e como gente pedalava pelas ruas e estradas de terra. Devia ter sido poupada pela cana por estar tão próxima ao rio. Foi protegida pelo rio e protegeu o rio, o pouco que conseguia.

Quando criança, Lucas viu os corações coloridos no mercado do bairro e não entendeu. Falou para o velho que colocava dois em uma cesta, “Não precisa não, ali perto do rio tem e bem mais bonito, é só passar e pegar”. O velho resmungou qualquer coisa e se não visse a mãe ao lado o lascaria um tapa.

Paula lembrou da filha, Sofia, que adorava mangas. Levaria algumas para ela. A rua estava fechada e a multidão, proibida de pisar na grama, esperava na rua. Na grama, isolados por cones e fitas, se agrupavam alguns brancos e velhos homens, com olhos de quem se acha importante e sorrisos de quem se acha o centro das atenções. Paula suspira e caminha até as fitas. Uma placa permite a entrada exclusiva às autoridades e moradores do Recanto dos Sabiás. Ela, nem uma nem outra, mostra o crachá de repórter para um preto e jovem homem, que a deixa também pisar a grama.

A grama crescia e era cortada estagnada no tempo. O solo embaixo ficava mais duro e sem possibilidades de futuro a cada grama cortada e levada embora. O solo morria, em silêncio para os indiferentes sapatos.

Paula cutuca levemente um daqueles, que se vira e sorri:

- Que bom que está aqui, Paula. Estava agora mesmo falando que as matérias de seu jornal precisam ser melhor selecionadas.

A repórter pigarreia.

- Bom dia, Marcelo. Não sei se te entendi, mas tem um tempo para uma rápida entrevista? – Tira um bloco de notas e uma caneta azul da bolsa.

- Parece que vocês têm prazer em mostrar sofrimento e desgraça, toda notícia é o fim do mundo. Jornal tem que mostrar coisa bonita! Olha esse parque, essa gente bonita reunida – mostra as pessoas ao seu redor.

- Então que bom que estou aqui, não é? – Paula tenta evitar o sorriso seco e escreve qualquer coisa no bloco de notas para chamar a atenção – As pessoas do bairro todo parecem feliz com o parque. O que acha?

Marcelo mexe despretensiosamente a camisa.

- É mais uma benfeitoria que o Recanto dos Sabiás faz para todos, não só para o São Domingos, mas para toda a cidade.

- Além de para o próprio Recanto dos Sabiás.

- Sim, sim, claro.

- Que afinal faz parte do São Domingos. Desculpa, erro meu, que distraída estou! Deve ser toda essa beleza.

Marcelo não tenta conter o sorriso seco.

- Algo mais?

- Quais os próximos passos do Recanto dos Sabiás e da Aguanova Desenvolvimentos Imobiliários?

- A Aguanova tem uns planos bem despojados para o Recanto, para continuarmos chamando atenção por nossas inovações e planejamento criativo. Já somos o primeiro bairro autossustentável da cidade, qual o próximo passo?

- Não sei, qual?

Marcelo força a risada:

- Guarde essa curiosidade, Paula. Em breve, saberá.

- Vou tentar – responde, fingindo simpatia.

O homem se despede com um sorriso displicente, voltando ao grupo.

- Ah, só mais uma coisa – chama Paula.

- Sim? – virando apenas a cabeça.

- Agora você quem errou. O Recanto é o primeiro empreendimento autossustentável, talvez, mas não bairro. Afinal, não é bairro, né? – sorriso.

Sorriso.

Lucas estaciona a bicicleta jogando na grama e sobe na árvore. A grama faz parte da grama exclusiva mas, mais afastada, está desprotegida para qualquer um pisar. Enquanto sobe pensa na metáfora que sua família usa para bondade, coração. Ela tem um coração grande. Ele é muito coração. Fazia sentido, não conhecia bondade maior que daquela árvore de corações sem peito.

Ela mesma nasceu de um coração, mordido há 73 anos, em uma manhã de fevereiro. Nasceu ali mesmo. Viveu tempestades e secas, a companhia da mata e a solidão do desmatamento. Nunca mexeu mais que o vento, o lento tempo e o eco de outros movimentos.

Não usou dos galhos pesados e das raízes profundas para intimidar os pequenos humanos que a deixaram só, ou esmagá-los. Talvez as raízes aprendam com o solo a sabedoria do tempo e não sucumbam pelas tristezas que parecem grandes demais.

Dezoito famílias de pássaros vivem em seus galhos firmes e pesados. Algumas centenas vêm todo ano comer, e vão. Algumas vêm descansar, cantar, conhecer outros pássaros. Cachorros e gatos dormem em sua sombra. Alguns cachorros latem para alguns gatos, alguns gatos tentam comer alguns pássaros, alguns conseguem, e alguns cachorros conseguem morder alguns gatos, e alguns pássaros. Paula grita para o garoto pegar umas mangas para ela. O garoto responde Beleza, tia. O segurança grita para o garoto descer. O garoto responde Desço, não.

O segurança grita Desce sim, é proibido subir em árvores.

Lucas responde Só Deus pode proibir as brincadeiras de Sua criação.

- Ele proibiu, nos expulsou de Seu jardim, não ficou sabendo?

- São águas passadas, outro jardim, outro Deus. Ele mudou. E essa é uma mangueira, não a árvore daquele pecado.

- Desça ou chamo a polícia te fazer descer.

- Tudo bem.

Lucas desce com um salto e pega na terra as mangas que jogou enquanto discutia. O segurança apressa o menino, escondendo o sorriso. Achava muita babaquice aquilo tudo. E as árvores lá eram de algum daqueles velhos e playboys para serem proibidas? Mas ordens...

A voz de Murilo fala alta no microfone:

- Bom dia, todas e todos. É com felicidade que convidamos vocês para a inauguração do Parque dos Sabiás. Quero agradecer a vinda do senhor prefeito, um grande homem e querido amigo, sem o qual nada disso seria possível.

Ele puxa palmas que reverberam agudas no microfone, acompanhadas fracamente pelos amigos e um ou outro da multidão.

- Agradeço também a presença de Pedro Miyazaki, representando a Cosin, nossa empresa mãe, como gosto de falar – risos e palmas – agradeço a presença do Lúcio, presidente da Associação Comercial e Industrial aqui da cidade, grande responsável pela nossa querida cidade crescer e se modernizar e chegar ao que é hoje – palmas – agradeço a presença do Robson, do Paulo e do

César, representantes de tudo que a cidade tem de bom – palmas – agradeço a presença da minha família, da Martha, minha esposa – palmas – do Benício, da Ellen e do Fabrizio, meus amados filhos – palmas.

Nesse ponto, e desde a apresentação da empresa mãe, apenas seus amigos batiam palmas. Ele sorri, tão centrado em si que não percebe os silêncios, e continua:

- Tem sido uma honra estar à frente da Aguanova nos últimos anos, coordenando os esforços para transformar o Recanto dos Sabiás no primeiro bairro autossustentável da cidade, no bairro mais moderno e bonito e já tão querido por todo povo daqui!

Começamos essa brincadeira em 2008, sem muitas pretensões, e cá estamos. Tenho orgulho de falar que o Recanto dos Sabiás emprega hoje 1.500 pessoas, trabalhadores da cidade toda que vem diariamente fazer as vidas de nossas famílias mais felizes e confortáveis. Nós temos lanchonete, academia, salão de beleza, padaria, o parque tecnológico com pequenas e grandes empresas que atuam globalmente, um hotel de luxo com capacidade para receber a elite do mundo corporativo e cultural global, além de nossos três condomínios fechados, seguros e autossustentáveis, e nossa escola, a melhor da cidade, porque queremos o melhor para nossos filhos.

Alguns podem pensar que já temos tudo, que o Recanto já anda pelas próprias pernas e podemos finalmente descansar e contemplar esse trabalho bem-feito. Mas nós não descansamos.

E é por isso que apresentamos, com muito orgulho, o Parque dos Sabiás!

Uma área pública há tanto abandonada, feia, desprotegida para qualquer vândalo entrar e fazer o que quiser, agora revitalizada no mais moderno parque da cidade! Graças a essa parceria público-privado que celebramos com a prefeitura, o Parque está sendo entregue para as famílias não só daqui, mas também do São Domingos, para que todos possam desfrutar um pouco da qualidade de vida aqui do Recanto.

É com orgulho que entrego o microfone e o parque ao senhor prefeito, responsável daqui em diante pela manutenção de nosso amado Parque dos Sabiás. Pediria que cuide bem dele, mas sei não ser preciso, pois sua prefeitura cuida muito bem dos seus.

A voz morre em um silêncio que deveria ser palmas, mas ninguém acompanhava o discurso para pegar a deixa. O senhor prefeito pega o microfone meio irritado pela falta de celebração à sua presença e fala qualquer coisa ríspida. A grama vip fica com o silêncio, mais constrangedor que antes.

Bora logo, chama um dos amigos de Lucas, tomando a frente. Eles pulam as fitas e atravessam aquele grupo que sendo de ricos não podia ser multidão e que estava bem no caminho que eles, Lucas e amigos, sempre faziam.

A aglomeração de ricos abre caminho cheio de olhares e caretas para os jovens. Homens de preto correm ao socorro deles, da aglomeração de ricos, barrando o caminho dos jovens com violenta autoridade.

- Essa área é exclusiva, vamos.
- Vamos o quê, rapaz. O cara ali acabou de falar que é da prefeitura.
- É da prefeitura, mas não é pra qualquer um entrar.
- É, parem de querer fazer vagabundagem, não estão vendo que aqui é diferente? (morador do Recanto)
- Vocês são quem mais tem cara de vagabundo aqui, de quem vive com dinheiro dos outros, e nem por isso estamos expulsando vocês. (amigo de Lucas)
- A gente só vai no rio, porra.
- Vão embora ou chamamos a polícia.

O flash do celular de Paula interrompe a discussão. Ela achava que sairia sem.

Murilo, acompanhando de longe a bagunça, corre para harmonizar o clima, falando que não tinha nenhuma matéria de jornal ali. Paula responde que não se preocupasse, era a mesma matéria, e pergunta se afinal o Parque é ou não público. Os garotos já estão irritados com tudo, mandam todos tomarem no cú e vão embora. As famílias ficam chocadas e fofocam entre elas como é difícil deixar a gente do São Domingos frequentar seu bairro. Paula entrevista um dos seguranças, que diz estar apenas cumprindo ordens. Murilo sorri seco e pega o celular para ligar ao dono do jornal de Paula. Pássaros voam por cima das fitas e áreas exclusivas. Pássaros pombas invadem a área exclusiva para comer as migalhas e os restos do brunch de inauguração. As migalhas e os restos do brunch cumprem seus destinos de comida em bicos inesperados. A grama continuará sem qualquer alimento para deixar de ser grama. Embaixo dela, as águas da chuva do dia anterior molham o solo no caminho até o rio. O rio ali encontra o céu lá, as árvores que crescem na margem são pontes para as águas de um ao outro. O rio lá, algumas curvas para frente, não encontra o céu ali nem lá, e nem tem árvores para fazer pontes. Está coberto pela cidade.

Na mangueira, canta um sabiá. É um canto para ocupar o vazio de sua parceira, que foi buscar comida. Os pequenos sabiás ouvem o pai em silêncio. Os outros ninhos e passarinhos também ouvem, de quando em quando respondendo, as formigas e larvas e besouros e todos insetos que vivem na mangueira também ouvem, e a mangueira ouve, em silêncio. O canto aumenta e para, as folhas mexem e a Sabiá aparece com duas minhocas no bico. O ninho desperta do silêncio em pequenos bicos abertos para cima. O pouso da sabiá, apesar de leve, é o suficiente para a mangueira finalmente dar três corações vermelhos em alimento à grama. Um deles encontra uma cabeça de macho humano antes de encontrar a grama, e essa cabeça grita e pragueja. Grita uma ameaça de despejo, vai mandar cortar a árvore. Silêncio. Os pequenos sabiás comem minhocas. Algumas das famílias cantam.

A aglomeração dispersa para um lado, a multidão para outro, ainda era domingo e o dia podia melhorar. Já entrava em cena aqueles que só aparecem após a cena, quando sobem os créditos. Eram alguns dos 1500 trabalhadores empregados graças ao empreendimento Recanto dos Sabiás. Estavam ali como as árvores, para cumprir uma necessidade. E quando deixarem de limpar as sujeiras daquelas famílias, serão cortados.

Fábio Portugal Sorrentino